



GT 042. Maternidades, partos e cuidado infantil: políticas dos corpos, direitos humanos e antropologia em ação

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - Coordenador/a,
 Elaine Müller (UFPE) - Coordenador/a, Giovana
 Acácia Tempesta (UnB) - Debatedor/a, Fernanda
 Bittencourt Ribeiro (Pucrs) - Debatedor/a, Camila
 Pimentel (Fiocruz Pernambuco) - Debatedor/a

Este GT pretende dar continuidade às discussões inauguradas na RBA de 2014 e em outros fóruns de debate antropológico nos últimos anos. Se, de início, nos concentramos nos debates sobre parto, assistência médica e movimentos de mulheres na atualidade, os últimos anos têm nos dado mostra da ampliação da reflexão nesse campo. A antropologia do parto tornou-se, pouco a pouco, a antropologia das maternidades, dos corpos e da infância, tematizando literalmente o cuidado em sua vida social desde uma perspectiva de gênero. Muitos têm sido os seus desdobramentos que nos incitam a propor este grupo, quais sejam: as maternidades contra-hegemônicas; as novas parentalidades; as teorias da maternagem, a criação com apego, a disciplina positiva e seus dilemas; a vida profissional e a maternidade no século 21; as mães e deficiência no contexto do Zika Vírus; aborto; os movimentos sociais-econômicos maternos; a política e a maternidade; as desigualdades e maternidades; as noções de infância; os direitos no/do parto; a pesquisadora como mãe e a antropologia feita por mães, para além, claro, dos debates sobre assistência médica, leituras de parto, pós-parto e amamentação. Por essa razão, trabalhos que contornem esse leque investigativo serão mais do que bem-vindos no sentido de despertar diálogos antropológicos sobre direitos humanos e maternidades em ação e em amplo sentido.

"Eu me senti completamente o contrário de empoderada": um relato sobre violência obstétrica em parto domiciliar

Autoria: Lorena Ferreira Cronemberger

Em meio a minha pesquisa de campo de mestrado em Sociologia, sobre o tema da depressão pós-parto, me deparei com um relato de uma das minhas interlocutoras que me chamou muita atenção e me fez refletir sobre as atualidades da experiência de parto no meio urbano. Ela está imersa nesta onda, encabeçada por mulheres de camada média, para o retorno da vivência do parto domiciliar no contexto urbano, a fim de trazer uma resistência às inúmeras cesáreas agendadas e desnecessárias que tomaram corpo ao longo dos anos para esta camada social. Diferente de suas avós, que tiveram em casa, e suas mães, que já tiveram em hospital achando que era "o mais seguro", essas mulheres se orientam em um retorno ao lar para a experiência do parto, a fim da busca por um lugar mais acolhedor e personalizado para a chegada do bebê. Assim, esta informante optou pelo parto domiciliar, para fugir de uma possível experiência negativa no ambiente hospitalar, porém, vivenciou, para ela, uma violência obstétrica, que só foi sanada após sua chegada ao hospital. Plano de parto, delegação de decisões, dor intensa, apoio do companheiro - tudo isso veio à tona de maneira muito dolorosa em seu processo de autorreflexão, após a experiência do parto. Ela relatou que não foram atendidas suas decisões, que se sentiu vulnerável e exausta. A partir disso, me saltam algumas indagações: Quais as expectativas das mulheres que buscam essa vivência? Ter parto domiciliar é necessariamente ter um parto ativo e acolhedor? Quais os limites das decisões neste âmbito? Ressalto que essa é uma reflexão singular e localizada, a partir do relato desta interlocutora, não pretendendo, assim, ser uma representação ou análise mais aprofundada sobre este campo do parto domiciliar que é bem mais complexo e com diversas particularidades.



Realização:



Apoio:



Organização:

